

GAZETA MERCANTIL

Quarta-feira, 3 de fevereiro de 1982

Alguns sinais de reativação da economia *- Brasil*

Depois de muitos meses, surgem os primeiros sinais de certa reativação no pólo industrial paulista. Em seguida à notícia de que o nível de emprego industrial no Estado de São Paulo apresentou crescimento de 0,21% na terceira semana de janeiro, o primeiro resultado positivo depois de sete meses, uma pesquisa feita pela FIESP junto a 109 sindicatos filiados mostra um crescimento substancial das vendas de bens de consumo de baixo valor unitário e artigos de prateleiras dos supermercados.

Indicador mais preciso desse maior movimento comercial é fornecido pela Associação Comercial de São Paulo: aumentaram em 18,7%, nos primeiros 27 dias de janeiro, as consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), em comparação com igual período do ano passado. Em outras regiões do País, como em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, comerciantes atestam que as vendas melhoraram, embora este-

jam ainda bem longe de recuperar os níveis de 1980.

São dados animadores que já haviam sido previstos pelo ministro do Planejamento, Delfim Netto, antes de sua viagem à Europa, com base em informações colhidas por seus assessores. Como se recorda, o ministro disse, na ocasião, que a retomada em janeiro dava tranquilidade ao governo quanto à capacidade de reação da economia, sem necessidade de estímulos especiais. Se fosse o caso, estes seriam concedidos a indústrias que aumentassem a produção mediante a absorção de maior volume de mão-de-obra, mas somente a partir de março.

Desejamos firmemente que o ministro, esteja correto em sua avaliação, mas não deixamos de ter dúvidas quanto à possibilidade de manutenção de um ritmo de crescimento regular ao longo de 1982 sem que o governo adote um esquema para reduzir os custos financeiros.

A propósito, convém assina-

lar que os prognósticos quanto à evolução das taxas de juros não são nada bons, tomando o primeiro mês do ano como indicativo. No plano interno, a expectativa é de uma inflação beirando 6%, que seria a taxa mensal mais alta desde agosto do ano passado. No mercado americano, a taxa de juros para clientes preferenciais, que se manteve bastante tempo estacionada na faixa de 15%, foi elevada para 16,5% pela generalidade dos grandes bancos.

No caso da inflação interna, pode-se alegar que a taxa de juro foi muito influenciada pelos reajustes dos serviços públicos e que, mesmo que chegue a 6% no mês, o total acumulado nos últimos doze meses será inferior à taxa de inflação em todo o ano de 1981 (95,2%). Isso é correto, mas ninguém negará que a falta de ganhos maiores na inflação interna, aliada à tendência dos juros no mercado externo, poderá impedir uma redução mais significativa

do custo do dinheiro no primeiro trimestre.

E os juros não pesam apenas sobre os custos das empresas, mas têm influência direta no consumo, principalmente de bens duráveis de maior valor. Não é por outra razão que "não se nota nenhum sinal de recuperação" na indústria eletroeletrônica, como afirmou o empresário Sérgio Ugo-lini, vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee). Cautelosa, a indústria automobilística só prevê uma recuperação a partir do segundo semestre, confiando no efeito combinado de provável queda dos juros com o lançamento de novos modelos.

Não obstante essa indefinição, existem industriais paulistas que acreditam na possibilidade de um crescimento de 3 a 4% no produto industrial este ano, mesmo se mantida, em suas linhas básicas, a política monetária, o que, a essa altura, é uma perspectiva otimista.